que, na sua imprensa, não perdem o ensejo de, aos adversários, mandarem a sua facadinha a despropósito de tudo, de nada, de qualquer coisa sem valor e sem importância.

A semana finda, o órgão oficial do partido cá no Norte, num suelto pouco espirituoso e nada justificável, referia-se aos trânsfugas que por cá teem passado, chamando-lhes anarquistas, etc.

O suêlto, temos quase a certeza, não se escreveu para melindrar o orgulho dos tais trânsfugas; o fim era outro: tendia a dar-nos uma lavadela de cara, como se costuma dizer, e deprimir o valor intrínseco dos ideais libertários.

Mas como podem os socialistas cometer tamanhas sandidices se no seu seio essa raça também medra. Escusado será citar nomes. Todavia, Briand, o fogoso socialista francês, hoje mancomunado com a reacção capitalista e religiosa, é uma amostra comprovativa de que lá na loja há também dessa fazenda. De resto, os trânsfugas são de todos os tempos, de tôdas as ideas, de todos os partidos e de tôdas as religiões. Não será inépcia servirem-se dessas piquinhas para ferir os antagonistas?

—Pois sim, será isso, mas que queres? — diz-me do lado um amigo, que plácidamente vai saboreando um café. — A'queles tipos cega-os o ódio, e quando embicam c'uma coisa só estão bem a escoucear. Precisam de vez em quando duma deslombadelazinha; e demais, que admiração?—enquanto escrevem p'r'a gazeta vilanias de todo o quilate, vão disputando largas sinecuras que o marechalato socialista cooperativista e comodista lhes proporciona.

Por isso, marram, marram mas a gente honesta já sabe as manhas dos cabrestos.

Concentrei-me!

No fundo, achei razão à verdade e ao sarcasmo do meu amigo.

... Marram, marram, mas a gente honesta já sabe as manhas dos cabrestos.

J. SALGADO.

Lettres aux abonnés de "La Vie Ouvriere"

LA CONFÉRENCE DE ZIMMERWALD

TODOS conhecem a bela postura tomada, perante a guerra, pelo grupo editor de «La Vie Ouvrière», a excelente revista sindicalista revolucionária de Paris. Primeiro, foi Monatte, demitindo-se da Comissão Confederal e explicando o seu acto numa circular notabilíssima que os nossos leitores leram no nosso número de 17 de Janeiro de 1915. Depois, manifestou-se Merrheim. Agora, é Alfredo Rosmer que firma a primeira duma série de «Cartas aos assinantes de *La Vie Ouvrière*». As tendências dêstes homens e da sua revista mostram bem a infantilidade da acusação de «dogmatismo», «individualismo» e outras insípidas larachas, jogadas aos revolucionários que resistiram ao funesto êrro prático e teórico do intervencionismo.

O opúsculo de Rosmer é deveras interessante e nele vemos, sem surpresa mas com prazer, muitos dos argumentos e juízos aqui expendidos desde o comêço do conflito.

Rosmer começa por explicar porque se frustrou a intenção de fazer reaparecer «La Vie Ouvrière» e de a tornar orgão dos sindicalistas, socialistas e anarquistas que se conservaram fiéis às suas concepções. E acrescenta:

«Se tivéssemos aceitado cantar a nossa parte no côro dos que súbitamente acharam virtudes à guerra, fácilmente teríamos vencido êsses obstáculos. Mas teria sido «para viver perder tôda a razão de viver» — coisa antiquíssima como a fórmula que serve para a exprimir, — e nem por um instante quisemos ser joguete das interpretações que os governos tam generosamente forneceram aos povos para lhes aquietar a consciência e para os fazer ir alegremente para a morte.

«Guerra libertadora, guerra da civilização contra a barbarie, guerra de raças, guerra do Direito, necessidade de derribar o militarismo inimigo, guerra para matar a guerra, guerra pelo princípio das nacionalidades, pela independência das pequenas nações, nada de tudo isso víamos no enorme conflito que se desprendia. Reconhecíamos as chapas que os governos desaferrolham no início de cada chacina e das quais êles se servem uns contra os outros. Georg Brandès recordava há poucos meses, na sua carta a Clemenceau, que em 1870 se dizia já que essa guerra seria a última. Mas no desconcerto em que os mergulhou o desabar do socialismo e do sindicalismo, muitos trabalhadores aferraram-se a uma ou outra dessas explicações, em que êles cuidavam ver uma tábua de salvação. Ofereciam-lhes uma contrafacção do ideal, e êles aceitaram-na. Uma imprensa unânime falseou insensivelmente os juízos.

«Depois, muitos deles voltaram a si: o simples desenrolar dos acontecimentos bastou para lhes abrir os olhos, para os pôr em face do verdadeiro problema.

«Um amigo nosso que, após alguma hesitação, acabara por se deixar convencer de que se tratava duma luta necessária contra uma tirania insuportável, escrevia recentemente—das trincheiras—que via agora que «os governos falsearam o sentido da guerra». Não, os governos não falsearam o sentido da guerra: a sua explicação da guerra é que era falsa».

Tencionamos dar, em futuros números, alguns excerptos desta brochura; mas queremos desde já reter esta passagem, exprimindo bem uma idea aqui exposta amiude:

«No estado de desconcêrto originado por qualquer grande guerra, sobretudo quando os chefes socialistas e operários passam para o govêrno, há um período durante o qual só podemos pensar em salvar e conservar o que existe. A tarefa que está então ante os revolucionários é, também para êles, resistir, manter-se. E' o que teem feito os socialistas italianos. E' o que teem feito desde o primeiro dia os nossos camaradas do «Independent Labour Party». Se tivéssemos tido uma atitude semelhante à deles, o govêrno teria sentido que subsistia uma grande fôrça hostil à sua política, um grande movimento que êle podia momentâneamente paralisar, mas não destruir, e isso ter-lhe-ia sido uma salutar advertência.»

Os nossos mais calorosos aplausos aos camaradas de «La Vie Ouvrière»!

Baboseiras socialistas

I

> Actualmente o povo já não se revolta porque vota.—*Luís Blanc.*

> A classe dirigente rir-se há da vontade popular enquanto esta se manifestar legalmente.—*Jules Guesde.*

Convirá às classes privilegiadas a nossa propaganda? Não me parece, porque ela vai lesá-las bastante, porque chamamos o proletariado para o caminho que êle deve trilhar. O que convem às classes privilegiadas, é que os trabalhadores se encaminhem para a política; porque enquanto estes se ocupam dela forçosamente abandonarão a defesa dos legítimos interesses, constituindo isto uma traição—que nos pretendem imputar—e que redundará única e simplesmante em seu detrimento.

Diz mais que: «afinal aparecem envolvidos em quase todos os movimentos políticos e até num movimento aí esboçado... íamos a dizer, mas não o fazemos — julgamos ver o dedo dos políticos...»

Exigimos provas desta gratuita acusação, porque não consta que indivíduos que «conhecendo bem o sindicalismo e procedendo como sindicalistas (porque sindicalista pode dizer-se tôda a gente) se tenham achado envolvidos em movimentos políticos, o que já se não pode dizer lá por casa. Não se lembram do velho ditado: Quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do vizinho?

Assim como temos exigido dos governos provas em como temos andado de mãos dadas com monárquicos, também queremos que os socialistas nos apresentem provas que certifiqnem que há elementos activos que se tenham envolvido em movimentos políticos. E o que significará aquela hesitação em querer denunciar o movimento esboçado? Representará mais alguma calúnia, a que já estamos bastante habituados?

Com uma coragem inaudita acusa-nos de perturbadores — lá porque nas suas festas e sessões aparecem elementos que promovem desacatos—e daí por serem sócios dos seus sindicatos e dizerem-se sindicalistas vai a culpa para cima de todos os sindicalistas. Francamente, o arrojo com que estes companheirinhos *(há excepções felizmente) dizem isto é de uma qualidade* super-rara. *Se nas suas festas êles aparecem, é porque com certeza pagaram as suas entradas e neste caso podem lá estar tanto como êles. Se aparecem nas sessões é porque elas são públicas; caso contrário, não os deixariam lá entrar. Tanto lá podem estar os socialistas como os sindicalistas. Naturalmente falam assim por lhes escangalharem muitas vezes o «arranginho político».*

Quase a finalisar, o articulista sai-se com esta: «O Partido Socialista embora na luta política vereis por vezes a sua acção, é de carácter essencialmente económico, e todo o seu programa, de acção imediata, tende à melhoria da situação económica dos que trabalham.» Não resta dúvida que o programa socialista será realizável dentro em pouco (talvez lá para o ano dois mil), com o auxílio da burguesia, que concederá alguma coisa com o fito de subjugar aqueles que poderiam reivindicar aquilo a que teem jus por forma bem diferente, de práticos meios e de bons resultados.

Finalmente remata, assim: «Tudo quanto seja prejudicar a